

## A LINGUAGEM COMUNICATIVA NA ADORAÇÃO

Isaac de Moraes

O louvor e adoração a Deus devem ser inclusivos, como em Colossenses 3:16: *“Cantem salmos, hinos e canções espirituais; louvem a Deus, com gratidão no coração.”* Contudo, a edificação também inclui a comunicação, que num sentido restrito é essencial para a convergência de discursos e de linguagem na adoração. Para o adorador, os salmos e hinos devem estar devidamente codificados para que haja um crescimento espiritual eficaz.

Sobre a linguagem da adoração, leiamos o que o apóstolo Paulo nos ensina em I Coríntios 14: 8-12:

*“Pois também se a trombeta der som incerto, quem se preparará para a batalha? Assim, vós se, com a língua, não disserdes palavra compreensível, como se entenderá o que dizeis? Porque estareis como se falásseis ao ar. Há, sem dúvida, muitos tipos de vozes no mundo; nenhum deles, contudo, sem sentido. Se eu, pois, ignorar a significação da voz, serei estrangeiro para aquele que fala; e ele, estrangeiro para mim. Assim, também vós (...) procurai progredir, para a edificação da igreja.”*

A análise do contexto aborda os dons do Espírito (o dom de línguas, por exemplo), mas é significativa a contribuição para a análise da importância da linguagem comunicativa, no que se refere à adoração. Está evidente que a codificação da linguagem contribui para que a mente, ou seja, o raciocínio lógico não fique infrutífero. Esse “frutificar” pode referir-se também à edificação mútua, no contexto de ação de graças comunitário. Segundo o apóstolo Paulo, é necessário entender o discurso, de tal maneira que se possa cantar com o espírito, mas também cantar com a mente (I Coríntios 14:16).

Em outra passagem bíblica, o apóstolo Paulo nos convoca a apresentar a Deus um culto racional (Romanos 12:1), de forma que o conhecimento do evangelho, das obras de Cristo, o poder do Espírito Santo, em uma renovação santificadora da mente, capacita o adorador a apresentar um culto que agrada a Deus, propício e edificante para o Corpo de Cristo.

No campo das teorias de comunicação social, ainda muitas vezes divergentes entre si, contribuem para que a comunicação seja analisada sob a perspectiva da linguagem comunicativa. Segundo Gellner (1983:27):

*“(...)A mensagem essencial é que a linguagem e o estilo das transmissões são o importante, que somente aquele que pode entendê-los, ou pode adquirir tal compreensão, está incluído no âmbito de uma comunidade moral e econômica, estando excluído aquele que não entende ou não pode entender”.*

No campo não-teológico, Gellner proclama que “a linguagem e o estilo são mais do que o meio que os transmite”, estando ligados à questão do conteúdo. Ou seja, aquele que não atenta ou não entende a linguagem, ou os códigos da informação transmitida, não possui condições de estabelecer de forma efetiva a sua participação. A linguagem codificada é um elemento dessa comunicação, sobretudo para a formação de uma racionalidade voltada para a ação prática.

É necessário, obviamente, não minimizar o papel do Espírito Santo e as perspectivas centrais do desenvolvimento espiritual, que transcendem o entendimento racional humano. Os teóricos da comunicação social não fazem uma leitura teológica da comunicação. Contudo, ainda que dentro de perspectivas ideológicas, como afirmam alguns autores, a análise da linguagem comunicativa é significativa. Segundo Gustavo de Castro (2004),

*“As negociações humanas, e mesmo aquelas mediadas pela técnica, são poderes que devem ser constantemente revalorizados, discutidos e reinseridos como pressupostos para o avanço da condição humana, contra o conformismo, a acomodação e a despolitização.”*

Na teoria da comunicação há uma alguma radicalização, como detectado na citação de Castro. Mesmo que discordando desse caráter radical, a linguagem (forma e conteúdo)

adaptada ao receptor é um instrumento que amplia a publicidade da informação e, por conseguinte, o estabelecimento da comunicação. Segundo o teórico francês Zémor, essa publicidade deve se valer da mediação humana, personalizada, de forma que o conteúdo da informação seja apreendido. Pierre Bourdieu aponta que "a língua não é apenas instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas um instrumento de poder" e que a análise da linguagem representa a própria análise dos mecanismos de dominação social existentes. Para Habermas (1993), o agir comunicativo envolve mecanismos de poder.

A plenitude do Espírito Santo significa também ouvir e receber a mensagem que Cristo dá à sua igreja. O próprio relacionamento entre os irmãos na comunidade é uma demonstração da amplitude da obra do Espírito em um coração cheio de amor. Para Shedd (2001):

*“O primeiro resultado da comunicação do Senhor pelo Espírito será “falando entre vós com salmos”. Pela música e a Palavra inspirada destacam-se as partes do culto para encorajar os irmãos”.*

Os meios de louvor expressos em Colossenses nos chamam a atenção para a glorificação a Deus, mas para a edificação entre “os que se reúnem devidamente preparados para escutar o Cabeça, Jesus Cristo”, segundo Shedd. O apóstolo Paulo nos ensina que tudo deve ser feito em nome do Senhor Jesus, seja em palavra ou ação (Colossenses 3:17).

O louvor em um contexto congregacional envolve o convite, a mobilização. Para os sociólogos e pensadores das ciências sociais, a mobilização (social) é um ato voluntário, mas que indica um fenômeno, um processo complexo, ativo, caracterizado pela mudança no comportamento, surgimento de novas tendências e ruptura com antigos padrões.

De acordo com Pasquino, o termo "mobilização" foi usado a princípio militarmente e designaria o processo em que a população de um Estado se prepara para enfrentar uma guerra. Esta seria a mobilização geral, total ou de massa. Segundo Pasquino, recentemente o termo "mobilização" foi empregado para descrever fenômeno social de grandes conseqüências. Para José Bernardo Toro, "mobilizar é convocar voluntários a um propósito com interpretação e sentidos compartilhados". Segundo essa concepção, a mobilização social se distingue da manipulação, persuasão e chantagem pública, por ser, ao mesmo tempo, "um ato de liberdade e de paixão", que somente se realiza quando há participação consciente e espontânea dos sujeitos nela envolvidos.

De acordo com Luiz Martins (1995), a participação social num processo de mobilização cresce em abrangência e profundidade ao longo do processo. "Quando a sociedade entende que é ela que constrói a ordem social, vai adquirindo capacidade de autofundar a ordem social, superando o fatalismo". A participação deixa de ser uma estratégia para se converter em ação rotineira.

Para a teologia da adoração, a ação rotineira não é o ideal, sobretudo para evitar o que seria a anulação de um contato vital com Deus, que deve ser marcado pela renovação diária e dinâmica da intimidade Deus-homem (Lamentações 3:22).

A comunicação, ainda que dentro do aspecto sócio-cultural, não pode minimizar o poder das Escrituras Sagradas e a importância de se conhecer o Senhor, para que o louvor se torne frutífero. Os atos de adoração, hinos, cânticos espirituais devem ser moldados segundo a Palavra de Deus, para a edificação mútua, e serem conduzidos pelo Espírito Santo, mesmo que em uma ampla gama de linguagem e expressão musical.

In: SILVA, Isaac de Moraes. *“A linguagem comunicativa na adoração: uma análise do discurso do Renascer Praise”*. Brasília, 2008.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. *“Entrevista ao Jornal do Brasil”*. Rio de Janeiro, 21/04/1996, p. 7.

- \_\_\_\_\_ “*O Poder Simbólico*”. Lisboa / Rio. Difel/Bertrand Brasil, 1989, pp. 242.
- SHEDD, Russell P. “*Adoração Bíblica*”. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1ª Edição, 1987.
- SILVA, Luiz Martins. “*Comunicação, Mobilização e Mudança Social*”. In: MONTORO, T. (Org). *Comunicação e Mobilização Social*. Brasília: UnB, vol 2, 1997.
- \_\_\_\_\_ “*Imprensa e Cidadania: Possibilidades e Contradições*”. In: MOTTA, Luiz Gonzaga (Org.). *Imprensa e Poder*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- TORO, Bernardo. *Mobilização Social: Uma Teoria para a universalização da cidadania*. In: MONTORO, T. (Org). *Comunicação e Mobilização Social*. Brasília: UnB, vol 1, 1997
- ZÉMOR, Pierre. *La Communication Publique*. PUF ; Paris, 1995. Col. *Que sais-je ?* Texto traduzido e adaptado por BRANDÃO, Elizabeth.